

ABOLIÇÃO DO TRABALHO

Bob Black Escolha um canal Novidades Filosofia Literatura Poesia
Arquivo
Pessoal Minhas idéias Meus poemas Links Meu e-mail

Nunca ninguém deveria trabalhar.

O trabalho é a génese de grande parte da miséria no mundo, é causa
de muito
do mal que acontece. Somos obrigados a viver sob o seu desígnio.
Para
acabar
com o sofrimento, temos que parar de trabalhar.

Isto não significa que tenhamos que desistir de fazer coisas. Mas
sim,
provocar uma revolução jocosa, uma nova onda de vida baseada no
divertimento. Por divertimento entenda-se festividade, criação
facultativa,

convívio. O divertimento não é passivo, é muito mais do que o jogo
das
crianças.

Invoco a aventura colectiva num prazer generalizado, numa
exuberância
gratuitamente interdependente. Necessitamos de mais tempo de
pura preguiça
e
descanso indiferente ao salário ou à ocupação. Reparem, uma vez
saídos do
emprego quase todos nós queremos representar, o que conduz ao
esgotamento.

Oblomovismo e Stakhanovismo (1) são dois lados da mesma invenção
humilhante.

Uma vida jocosa não é compatível com a realidade. O pior, é a
maneira de
encarar a vida como mera sobrevivência. Curiosamente - ou talvez
não -
todos
os antigos ideólogos são conservadores porque crêem no trabalho.
Alguns,
como os marxistas e a maior parte dos anarquistas, crêem nele
porque
acreditam em pouca coisa.

Os liberais dizem que há que eliminar a discriminação no emprego. Nós dizemos, há que acabar com ele. Os conservadores apoiam o direito ao trabalho. Imitando o travesso genro de Karl Marx, Paul Lafargue, apoiamos o

direito à preguiça. Os esquerdistas são a favor do emprego permanente. Nós estamos a favor do desemprego iminente. Os trotskistas agitam-se por uma revolução permanente. Nós debatemo-nos por uma orgia latente.

Todos os ideólogos que defendem o trabalho são estranhamente relutantes em confessar que o fazem em seu próprio benefício. Sempre preocupados com o salário, as horas, as condições de trabalho, a exploração, a produtividade,

a rentabilidade, estão dispostos a falar, mas sobre o trabalho. Estes peritos que se oferecem para pensar por nós raramente partilham as suas conclusões sobre o trabalho, projectando-nos assim a vida. Até lançam larachas uns aos outros sobre particularidades. Sindicatos e administrações

embora hesitantes sobre o preço, concordam que temos que vender o tempo da nossa vida em troca da sobrevivência.

Os marxistas pensam que devíamos ser governados por burocratas. Os libertarianos optam por homens de negócios. As feministas nada têm a obstar, desde que sejamos governados por mulheres. É óbvio que estes ideólogos têm diferentes opiniões acerca do modo de iludir o roubo no poder. Obviamente, nenhum deles põe qualquer objecção ao que se passa, desde que continuemos a

trabalhar.

Talvez não estejam a levar a sério o que estou a dizer. Não somente estou a

brincar como também estou a falar a sério. Ser jocoso não significa

ser
burlesco, embora a frivolidade não seja trivialidade. Muitas vezes
convém
tratar a frivolidade de um modo sério. Gostaríamos que a vida fosse
um
jogo,
mas um jogo de alta aposta. Queremos jogar para nos defendermos.
Ser jocoso

não é ser quaaludic. Temos em grande estima o torpor, mas só é
recompensador
quando pontuam outros prazeres e passatempos. Não estamos a
promover a
desocupação como uma disciplina administrada, chamada o
"descanso", longe
disso. O descanso quer dizer não trabalhar por amor ao trabalho, é o
tempo
em que saímos do emprego sem todavia deixar de pensar nele. Muita
gente
existe que, ao regressar de férias, fica tão deprimida que só descansa
depois de retomar o seu posto. A diferença entre o trabalho e o
descanso
reside no facto de no trabalho sermos, pelo menos, pagos pela nossa
cedência
e enfraquecimento.

Não estamos a tentar definir jogos. Quando dizemos querer abolir o
trabalho,
queremos mesmo dizer isso, definindo os nossos termos de um modo
não
idiossincrático. A nossa mínima definição de trabalho é aquela em
que somos

obrigados a produzir, isto é a produção compulsória. Ambos são
princípios
essenciais. O trabalho é a produção pela economia ou por meios
políticos,
por pessoas de cabelos ruivos ou por pregadores, por outras
palavras, a
cenoura é igual ao pau. Porém, nem tudo o que criamos é trabalho e
ele
nunca
é propositadamente executado, é-o para que alguém saia beneficiado
da sua
produção. É isto que significa o trabalho. Defini-lo é desprezá-lo. E
assim

sendo, é muitas vezes pior do que a sua própria definição. É
necessária uma

cuidada elaboração do tempo. Adiantando, o trabalho é um crivo nas sociedades, incluindo as industrializadas, sejam elas capitalistas ou comunistas. Por isso ele é variado, conforme às suas características para realçar todo o ódio que em si encerra.

Usualmente, (e isto é ainda mais verdadeiro em sociedades cuja economia se encontre estatizada, do que nas de livre mercado, onde o Estado é na maior parte dos casos, o único empregador e onde toda a gente é empregada) o trabalho é uma ocupação e é salariado, o que quer dizer que tens que vender ao Plano. No entanto, 95% dos americanos que trabalham fazem-no para

alguém. Na defunta URSS ou na actual Cuba, ou em qualquer outra experiência

do socialismo de Estado, o qual necessita da força da adulação, o número dos empregados aproxima-se dos 100%. Enquanto os camponeses do denominado terceiro mundo - no México, Brasil, Turquia... - se dedicam à agricultura, uma tradição que dura há muitos milénios, todos os que trabalham na indústria e nos escritórios são empregados que estão bem vigiados. Pagamos impostos ao Estado e renda aos senhorios para podermos adquirir o sossego. Este é, aliás, um negócio que continua de vento em popa.

Todavia, o trabalho moderno tem muito piores implicações. As pessoas não só

trabalham como têm tarefas. Cada um tem uma tarefa a cumprir, O que equivale a produção diária. Mesmo quando a tarefa não nos dá muito que fazer (o que

praticamente não acontece), a monotonia da sua obrigatoriedade esgota a nossa potencialidade de divertimento. O emprego significa o aluguer das energias de uma pessoa por um limite de tempo razoável. E por mais engraçada

que a tarefa seja, aquilo que tem de ser feito durante quarenta horas por semana, já não falando das condições em que tem de ser executado, é somente

um fardo. O objectivo são os lucros dos proprietários que não contribuem em

nada para o projecto. Isto é o verdadeiro mundo do trabalho: um trabalho burocraticamente impudente, sexualmente devastador e discriminatório, com os chefes cabeças ocas a explorar e a escapar dos seus subordinados, se for caso disso, bem entendido. O capitalismo na vida real suborna aquele que mais produz por exigência dum controlo central.

A degradação que muitos trabalhadores experimentam é a condição imposta pela denominada «disciplina». Foucault classificou, de modo simples e satisfatório, este fenómeno de complexado. A disciplina consiste na totalidade do tempo estipulado no emprego. Por outras palavras, cumprir sem

ficar isento da vigilância do trabalho corrompido, do trabalho forçado, da produção contingente, etc. A disciplina é aquilo que a fábrica, o escritório e a empresa partilha com a prisão, a escola e o hospital psiquiátrico. É uma coisa historicamente original e terrível. Muito para além das capacidades

de alguns ditadores demoníacos como Nero, Genghis Khan e Ivan «o terrível».

Para todos os seus maléficos propósitos, nunca dispuseram do mecanismo para

o controlo dos seus súbditos tão perfeito como aquele de que dispõem os modernos déspotas. Disciplina é o diabólico modo moderno de controlo. É uma

inovadora intrusão que necessita de ser interdita na primeira oportunidade.

O divertimento é o oposto do trabalho. O divertimento é sempre voluntário.

Quando é forçado, é trabalho. É axiomático. Bernie de Koven definiu o divertimento como uma «suspensão de consequências». O que não é aceitável se significar que o divertimento não tem consequências. Jogar e dar são hermeticamente relativos, são procedimentos e facetas transaccionais do mesmo impulso, o instinto do divertimento. Ambos partilham um desprezo aristocrático pelos resultados. O jogador ganha alguma coisa quando joga. É

por isso que ele joga. Mas o prémio é a experiência obtida pela actividade

-

seja ela qual for. Alguns estudantes atentos ao divertimento, como Johan Ruizinga (Homo Ludens) definem o jogo como uma acção onde se seguem regras.

Respeito a erudição de Ruizinga, mas rejeito os seus constrangimentos. Há inúmeros bons jogos - xadrez, basquetebol, monopólio, bridge - que têm regras, porém, existe no divertimento muito mais coisas do que aquilo que existe nesses jogos. Preservação, sexo, dança, viagens - estas práticas não

possuem regras mas não deixam por isso de puderem ser divertimento. Podemos

jogá-las com regras, mas, pelo menos, sem ser imperioso estabelecê-las com antecedência.

O trabalho troca da liberdade. O perfil oficial é que todos temos direitos e vivemos em democracia. Outros infelizes que não dispõem das mesmas liberdades que a nós se dispensa, são obrigados a viver num Estado onnipotente e inquisidor. Estas vítimas obedecem a ordens, não importa a sua

arbitrariedade. A autoridade conserva-as debaixo de uma apertada vigilância.

O Estado controla até ao mais pequeno pormenor a vida de cada um.

Os

informadores fazem regularmente relatórios para as autoridades. Os guardas

encarregues do controlo somente entregam os seus relatórios aos superiores,

sejam públicos ou privados. A dissidência e a desobediência são punidas.

Tudo isto é suposto ser uma má coisa.

Obviamente que é de facto péssimo e trágico viver em semelhante sociedade.

Todavia, o que acabámos de relatar é também a descrição do emprego moderno.

Os liberais, conservadores e libertarianos, que se queixam do totalitarismo

são fonéticos e hipócritas. Existe tanta liberdade numa moderada ditadura

desestalinizada como num ordinário local de trabalho americano. A hierarquia

e a disciplina no escritório ou na fábrica é idêntica àquela que encontramos

na prisão ou num convento. Na verdade, como Foucault e outros mostraram,

prisões e fábricas nasceram ao mesmo tempo e os seus membros imitam

conscientemente as técnicas de controlo um do outro. Um

trabalhador é um

escravo temporal. O patrão determina as horas a que tens de entrar, quando

é

que tens de sair e o que tens de fazer durante esse espaço de tempo.

Ele

decide a quantidade de trabalho que tens de fazer e a rapidez em que o

realizas. Ele é livre para te controlar, até para te humilhar, guiar e se ele achar necessário, escolhe a roupa que deves vestir ou quantas vezes

poderás ir à casa de banho. Com algumas excepções, pode despedir-te com ou

sem causa alguma. Ele tem os seus espiões e supervisores em cima de ti e

possui um processo de cada trabalhador. E, se o trabalhador comete um acto

de «insubordinação», como se ele fosse uma criança má, não só o

despede,
como também o desqualifica para futuros empregos. É claro que as
crianças
recebem o mesmo tipo de tratamento em casa e na escola, justificado
pela
sua
imaturidade.

O que dirão estas crianças sobre os seus pais e os professores que
trabalham?

A maioria das mulheres e dos homens têm que estar acordados
durante décadas

das suas breves vidas para conquistarem os seus salários-marmitas.
Não é
ilusório denominar o nosso sistema de democracia, capitalismo ou
melhor
ainda de industrialismo, mas o seu verdadeiro nome é fascismo
fábrica e
oligarquia de ofício. Quem afirmar que estas pessoas são livres está a
mentir ou é estúpido. Tu és aquilo que fazes. Se fazes coisas chatas,
estúpidas ou monótonas, acabarás chato, estúpido e monótono. A
existente
rastejante cretinização é revelada pelo trabalho mais do que,
inclusive,
pelo triste mecanismo da televisão e da educação. Um povo que se
encontra
arregimentado, habilitado para o trabalho pela escola, colocado
entre
parêntesis pela família e finalmente no lar para a terceira idade, está
habitado à hierarquia e psicologicamente escravizado. As suas
aptidões à
autonomia encontram-se tão atrofiadas que tem medo do que possa
significar
a
liberdade. Cada membro desse povo transporta para dentro da
família a sua
treinada obediência no trabalho iniciando, deste modo, a reprodução
do
sistema em diferentes caminhos: políticos, culturais e outros.

Uma vez esvaziada no trabalho a vitalidade do povo, os indivíduos
ficam
aptos para se submeterem em todas as coisas à hierarquia e ao saber
dos
peritos. Uma vez submetidos, as pessoas estão prontas a serem
usadas.

Estamos tão ligados ao trabalho que nem sabemos o mal que nos faz.

Temos
que
confiar nos observadores exteriores de outros tempos ou culturas
para
apreciar a extremidade e a patologia da nossa presente atitude.
Weber
queria-nos comunicar alguma coisa quando referiu a semelhança
existente
entre o trabalho e a religião - o Calvinismo. Passados quatro séculos,
emerge hoje apropriadamente rotulado de culto. Teremos que trazer
até nós a

visão da antiguidade para colocar o trabalho na perspectiva exacta.
Os
nossos antepassados viam o trabalho tal como ele é. O capitalismo
recebeu a

bênção dos seus profetas.

Vamos pretender, por um momento, que o trabalho não nos
prejudica. Vamos
esquecer que o trabalho não afecta a formação do nosso carácter.
Vamos
fingir que o trabalho não é, nem chato, nem cansativo, nem
humilhante.

Mesmo
assim, o trabalho irá trocar das nossas aspirações humanistas e
democratas
e
ocupar muito do nosso tempo. Sócrates disse que o trabalho manual
faz de
nós
maus amigos e maus cidadãos porque não temos tempo para cumprir
as
responsabilidades da amizade e da cidadania. Ele tinha toda a razão.
Por
causa do trabalho, pouco importa o género ou tipo, estamos sempre
a olhar
para o relógio. A única coisa "livre", a que chamamos tempo livre, é o
tempo
que nada custa ao patrão. Aquilo a que designamos tempo livre é, a
maior
parte das vezes, o momento em que nos preparamos para voltar, ir e
retomar
ao trabalho e dele recuperar. Tempo livre é eufemismo, considerando
o
factor
produtivo. Não só as despesas de transporte, como também o tempo
que
levamos

para chegar ao trabalho, são despesas que nós suportamos e tempo gratuito que nos é roubado. Não foi por acaso que Edward G. Robinson, num dos seus filmes de gangsters, exclamou: «O trabalho é para os marrões!».

Platão e Xenofonte atribuem a Sócrates, e obviamente partilham com ele, a opinião de que o trabalho provoca efeitos destrutivos no trabalhador como cidadão e ser humano. Heródoto identificou a desobediência ao trabalho como

uma contribuição da cultura clássica Grega no seu mais feliz momento.

Cícero declarou que «quem trabalha por dinheiro vende-se e coloca-se na categoria de escravo». A sua candura hoje é rara. No entanto, as sociedades primitivas contemporâneas que costumamos olhar de cima produziram porta-vozes que esclareceram os antropólogos do Ocidente. Nas palavras de Pospisil, os Kapauku do Oeste do Irian têm um sentido de equilíbrio na vida. Por isso, só trabalham dia sim, dia não, sendo o propósito do dia de «folga» o de "recuperar a energia e a saúde perdidas". Os nossos antepassados, ainda no século XVIII, embora já estivessem bem avançados no caminho para a nossa realidade de hoje, pelo menos tinham consciência daquilo que nós esquecemos

e que é o ponto vulnerável da industrialização. A sua devoção religiosa à «Segunda-Feira Santa», que deste modo estabelecia a semana dos cinco dias (150 a 200 anos anteriormente à sua consagração na lei), foi o desespero dos donos das primeiras fábricas. Resistiram durante muito tempo ao toque do sino, o antecessor do relógio de ponto. De facto, foi preciso substituir, ao longo de uma geração ou duas, os homens adultos por mulheres habituadas à obediência e crianças que era possível moldar a condizer com as

necessidades
da indústria. Mesmo os camponeses explorados do antigo regime conseguiram recuperar uma parte substancial do trabalho que pertencia aos seus senhorios. Segundo Lafargue, 1/4 do calendário dos camponeses de França eram domingos e feriados. E as figuras de Chayanov das aldeias da Rússia Czarista (as quais não constituíram exactamente uma sociedade progressista) demonstram igualmente que 1/4 ou 1/5 dos dias do campesinato eram dedicados

ao repouso. Os Mujiques admirar-se-iam com o facto de nós só trabalharmos.

E
nós deveríamos fazer o mesmo.

Para entendermos a enormidade do estrago, proponho que consideremos as antigas condições humanitárias quando o homem vadiava como caçador numa sociedade sem governo, ou sem dono de património. Hobbes suspeita que a vida era uma luta constante pela (sobre)vida, uma vida imunda, bruta e curta. Uma guerra furiosa contra a natureza áspera e com a morte a aguardar os mais fracos ou aqueles que não são capazes de enfrentar a luta. Na actualidade isto é usado para meter medo às comunidades para que não se habituem a viver sem governantes. Tal como acontecia na Inglaterra de Hobbes, num período de

guerra civil, quando este escreveu, em 1657, «Leviathan, or the Matter, Form and Power of a Commonwealth» (Leviatão, ou a matéria, forma e poder do Estado). Os compatriotas de Hobbes tinham encontrado formas alternativas de

vida, particularmente na América do Norte, mas a compreensão de outras maneiras de viver era muito remota.

(As classes mais desfavorecidas, aqueles que se encontravam mais próximos das condições dos aborígenes da América do Norte, compreenderam-nas melhor e acharam-nas atractivas. No século XVII, os ingleses que desertaram ou que tinham sido capturados, recusaram retomar ao seu país de origem.)

«A sobrevivência do mais forte» - a versão de Thomas Huxley do Darwinismo -

era uma avaliação muito mais correcta sobre a realidade da situação económica na Inglaterra Vitoriana do que a da selecção natural, uma evolução facultativa, como Kropotkine provou no seu livro «A Ajuda Mútua». Kropotkine sabia o que estava a dizer. A sua condição de cientista geógrafo e a oportunidade involuntária para realizar esses estudos quando foi exilado na

Sibéria, permitiram essa prova científica. Como algumas teorias sociais e políticas referem, a história que Hobbes e os seus antecessores contaram foi, na realidade, uma autobio- grafia irreconhecível.

No artigo intitulado «The Original Affluent Society» (Idade da Pedra, Sociedade da Abundância), o antropólogo Marshall Sahlins ao estudar os colectores de caça fez explodir o mito Hobbesiano. Os colectores de caça trabalham muito menos do que nós. Além disso, é difícil distinguir esse trabalho daquilo que nós consideramos hoje como divertimento. Sahlins diz que o "trabalho" dos caçadores e colectores em busca de alimento é intermitente e melhor do que o trabalho permanente. O descanso é abundante.

Ao contrário da maioria de nós, dormem durante o dia. O trabalho que fazem

-

trabalham uma média de 4 horas por dia e supondo que aquilo que fazem é aos

nossos olhos trabalho -, são esforços que parecem ser efectuados com habilidade e que provocam a evolução da capacidade física e intelectual. O

trabalho indiferenciado em grande escala, como disse Sahlins, é impossível.

Este tipo de trabalho (como modernamente também se designa, não qualificado), só se tomou possível com a industrialização.

Assim, a definição de Friedrich Schiller sobre o divertimento, é satisfatória. Para ele, o divertimento é a única ocasião em que o Homem realiza a sua capacidade humanitária ao dar pleno "divertimento" a ambas as

partes da sua dupla natureza: pensar e sentir. Como ele afirmou, «o animal só trabalha quando necessita de alimentos e diverte-se quando satisfaz essa

necessidade». (Uma versão moderna, de Abraham Maslow - indecisamente crescente -, é a contraposição entre a deficiência e a motivação da produtividade). Divertimento e liberdade são, aos olhos da produção, objectos que se fundem um no outro.

Mesmo Marx, que pertence (por todas as suas boas intenções) ao panteão produtivo, observou que o domínio da liberdade não principia enquanto o trabalho sob a coação da necessidade e da utilidade externa existir. Nunca chegou a conduzir claramente esta afortunada circunstância, à abolição do trabalho. É um pouco anómalo, afinal, ser pró e anti-trabalhador, mas nós podemos sê-lo. A aspiração para ir atrás ou à frente na vida é evidente em qualquer sociedade ou na história cultural da pré-indústria europeia, como o testemunha entre outros, M. Dorothy Georges na sua «England in Transition» (Inglaterra em Transição) e Peter Burke, no seu «Popular Culture in Early Modern Europe» (Cultura Popular no Início da Europa Moderna).

Também pertinente é o ensaio de Daniel Bell «Work and Its Discontents» (O Trabalho e os seus Descontentamentos), o primeiro texto, penso eu, que

refere a revolta contra o trabalho. E, em tantas palavras, que se fossem compreendidas tornar-se-iam uma correcção importante ao volume onde se encontram reunidas, «O fim da ideologia». Nem os críticos, nem os sacerdotes repararam que «O fim da ideologia» de Bell, não quer dizer o fim da inquietação social, mas sim, o princípio de uma nova fase não constrangida e ignorante da ideologia. Foi Seymour Lipset, não Bell, que anunciou, ao mesmo tempo, no seu livro «Political Man» (Homem Político), que «os problemas fundamentais da revolução industrial foram resolvidos».

Como Bell realçou, a «The wealth of Nations» (A riqueza das nações) de Adam

Smith, para além do seu evidente entusiasmo com o mercado e a divisão do trabalho, presta mais atenção ao pior lado do trabalho do que Ayn Rand ou os economistas de Chicago, ou qualquer outra referência moderna de Smith. Adam

Smith observou que a compreensão da grande maioria dos homens é formada no local de emprego. «O homem que passa a sua vida executando funções (...) geralmente torna-se estúpido e ignorante, tão e mais estúpido e ignorante, quanto aquilo que o ser humano pode ser». Aqui, em poucas palavras, está a minha crítica do trabalho.

Em 1956, Bell identificou, na época dourada da imbecilidade de Eisenhower e

da auto-satisfação americana, o não organizado, o não organizável e o mal estar dos anos 70 e, desde então, tudo aquilo que não se pode explorar é ignorado. E, uma das coisas que frequentemente se ignora é a revolta contra

o trabalho. Não figura em nenhum texto escrito por economistas, tais como

Milton Friedman, Murray Rothbard, Richard Posner porque, do ponto de vista destes senhores, a questão, como é costume ser afirmado no «Star Trek», "não conta".

Se estas objecções, feitas por amor à liberdade, não persuadiram os humanistas da urgência de mudança, há outras que não podemos menosprezar.

O trabalho é perigoso para a tua saúde. Na verdade, o trabalho é homicídio de um povo ou assassinio de uma comunidade. Directamente ou indirectamente,

o trabalho irá matar a maior parte dos trabalhadores. Todos os anos morrem

na USA, entre catorze mil e vinte e cinco mil trabalhadores vítimas de

"acidentes" no trabalho e mais de dois milhões ficam deficientes.

Registe-se

que estes algarismos são estabelecidos por uma estimativa

conservadora, o

que constitui uma aproximação insultuosa. Portanto, não calculam meio

milhão

de casos de doenças originadas anualmente por via do trabalho. Dei uma

vista

de olhos num livro de medicina, com cerca de 1200 páginas, sobre doenças

ocupacionais. O que desse livro retirei foram raspas superficiais. A

estatística conta com casos evidentes, como os cem mil mineiros com doenças

nos pulmões e dos quais quarenta mil morrem todos os anos. Uma fatalidade

superior à sida, por exemplo. Isto pode fazer-nos reflectir se tomássemos

em

conta a pretensão de alguns, quando se diz que a sida aflige particularmente

os sexualmente pervertidos e que estes deveriam controlar os seus vícios.

Porém, a actividade do mineiro é sacrossanta. O que a estatística não revela

é o número de pessoas, mais de dez milhões, que têm as suas vidas encurtadas

pelo trabalho. E isto é, portanto, homicídio. Pensamos nos médicos

que se
matam a trabalhar até 50 anos. Pensamos em todos aqueles que
trabalham até
à
morte.

Mesmo que não morras, ou não fiques inválido dentro do trabalho,
vais com
todas as tuas forças trabalhar, voltar do trabalho, procurar trabalho,
ou
tentar esquecer o trabalho. A maioria destas pessoas são vítimas do
automóvel e fazem disso uma actividade obrigatória. Temos também
que contar

com a poluição industrial, o alcoolismo e outras drogas e vícios que o
trabalho incentiva. O cancro e as doenças de coração são modernas
aflições,

muitas das vezes provocadas directa ou indirectamente pelo
trabalho.

Assim, o trabalho institucionaliza a nossa maneira de viver. As
pessoas
pensam que os cambojanos (e mais recentemente os habitantes do
Ruanda, por
exemplo) eram malucos quando se exterminavam uns aos outros,
mas será que
somos diferentes? Matamos pessoas a trabalharem para podermos
vender (outro

exemplo) Big Macs e Cadillacs, aos sobreviventes. As nossas
quarenta ou
cinquenta mil pessoas que anualmente sofrem acidentes são vítimas,
não
mártires. Morreram por nada, ou morreram pelo trabalho. Contudo,
o trabalho

não é algo pelo qual valha a pena morrer.

Más notícias para os liberais: brincarmos às regulamentações é inútil
neste

contexto de vida e morte. A intenção era que a governamental
Occupational
Health and Safety Administration policiasse o cerne do problema,
que é a
segurança no local de trabalho. Mesmo antes de Reagan e o Tribunal
Supremo
a
sufocarem, a OHSa era uma farsa. Com os níveis orçamentais da era

Carter,
anterior e generosa, (em termos contemporâneos), um local de
trabalho podia

esperar a visita de um inspetor da OSHA uma vez em cada quarenta
e seis
anos.

O controlo da economia por parte do Estado não é solução. O
trabalho é, (se

ele é alguma coisa), muito mais perigoso nos estados socialistas do
que
aqui. Milhares de trabalhadores russos morreram ou ficaram feridos
na
construção do metro de Moscovo. Há histórias decorrentes sobre
desastres
nucleares soviéticos que foram abafados e que fazem parecer Times
Beach e
Three Mile Island exercícios anti-aéreos de escola primária. Por
outro
lado,
a desregulamentação que está na moda nos dias que correm não fará
melhor e
provavelmente irá doer. Do ponto de vista da saúde e da segurança,
por
exemplo, o trabalho atravessou a sua fase mais tenebrosa nos dias
em que a
economia mais se aproximou do laissez- -faire. Historiadores como
Eugene
Genovese afirmaram de forma persuasiva que os trabalhadores de
fábrica
assalariados da América do Norte e da Europa estavam numa pior
situação do
que os escravos das plantações do Sul. Do ponto de vista da
produção,
qualquer novo arranjo das relações entre burocratas e homens de
negócios
pouca diferença parece fazer.

Uma tentativa séria de impor até os padrões bastante vagos que
teoricamente

podem ser impostos pela OSHA, provavelmente iria provocar o
colapso da
economia. Aparentemente, aqueles que os deveriam impor sabem
disso, visto
que nem sequer tentam interceder junto da maior parte dos
infractores.

O que até aqui disse não deve ser controverso. Muitos trabalhadores estão fartos do trabalho. Há altas e crescentes taxas de absentismo, desacatos, roubos e sabotagens praticados por empregados, greves selvagens e uma tendência generalizada para "rentabilizar" o trabalho ao máximo. Talvez estejamos a encaminhar-nos em certa medida para uma rejeição consciente e não apenas visceral do trabalho. E mesmo assim, a impressão dominante, generalizada entre os patrões e os seus agentes, mas também muito divulgada

entre os trabalhadores, é que o trabalho é inevitável e necessário.

Eu discordo. É hoje possível abolir o trabalho e substituí-lo, na medida em

que sirva para fins positivos, por uma panóplia de actividades de um tipo novo. A abolição do trabalho requer uma abordagem sob dois pontos de vista distintos. O quantitativo e o qualitativo. No que diz respeito ao aspecto quantitativo, temos de reduzir drasticamente a quantidade de trabalho que está a ser feita. Presentemente, a maior parte do trabalho é inútil ou pior

do que isso, por conseguinte, deveríamos simplesmente ver-nos livres dele. Por outro lado - e penso que este é o cerne da questão e o novo ponto de partida revolucionário -, teremos que agarrar no que é importante fazer e transformar essa actividade numa agradável variedade de divertimento, arte e passatempo. Não se distinguindo de outros prazeres, excepto que eles acontecem para chegar a produtos finais úteis. Certamente esse pormenor não

os deverá tornar menos atractivos. Aí todas as barreiras artificiais do poder e da propriedade poderão cair. A criação poderá tornar-se recreação.

E todos nós poderemos deixar de ter medo uns dos outros.

Não estou a sugerir que muitos trabalhos possam ser salvos desta maneira.
Por outro lado, não vale a pena salvar a maioria deles. Hoje, só alguns trabalhos servem para alguma coisa e -independentemente da defesa e reprodução do sistema de trabalho -, só uma fracção reduzida do trabalho realizado serve um propósito útil.

Há trinta anos atrás, Paul e Percival Goodman avaliaram em somente 5% o trabalho realizado - e se a estimativa for correcta agora, a percentagem diminuiu - cobrindo as nossas necessidades de alimento, vestuário e abrigo. Estas estimativas são somente uma adivinha de intelectuais, mas o ponto fiável está claro: directamente ou indirectamente, muitos trabalhos servem um desígnio improdutivo de comércio ou controlo social. Podemos libertar milhares de vendedores, soldados, gerentes, bófiás, corretores, padres, banqueiros, advogados, académicos, senhores, guardas e todos aqueles que trabalham para eles.

Quarenta por cento destes trabalhadores são brancos e a maioria faz trabalhos fastidiosos e estúpidos que jamais em tempo algum foram forjados.

Todos concordarão que inúmeras companhias de indústria, de seguros, da banca, de habitações, por exemplo, não servem para nada a não ser para um enredo de papelada, um extraordinário aumento das fortunas privadas de alguns e servirem a uma minoria privilegiada de polícia social. Não é um acidente que o chamado terceiro sector (serviço público) estagna e o sector

primário (agricultura) está em vias de desaparecer. E, como o trabalho não é necessário - excepto para aqueles que nele mandam - os trabalhadores são deslocados do relativamente útil para uma ocupação inútil. Para

desta
maneira assegurarem «a ordem pública». Qualquer coisa é melhor
do que nada.

É por isso que não podes ir para casa só porque acabaste mais cedo
o
trabalho. Eles querem o tempo que compram, o suficiente para que
tu sejas
propriedade deles, mesmo que dele não necessitem. De outro modo,
como se
compreenderá que o tempo de trabalho não tenha sensivelmente
diminuído nos
últimos cinquenta anos?

Da próxima vez vamos levar para o trabalho de produção um
carniceiro
esperto. Acaba a produção de guerra, o poder nuclear, os alimentos
de
plástico e os desodorizantes higiénicos e, sobretudo, a indústria
automóvel

sobre a qual vale a pena falar. Um automóvel ocasional Stanley
Steamer ou o

Model T pode servir, mas os carros eróticos de que as bestas de
Detroit e
de
Los Angeles dependem, está fora de questão. Sem mesmo o
tentarmos, já
resolvemos praticamente a crise energética, a crise ambiental e
equacionámos
outros problemas sem solução aparente.

Finalmente, temos que acabar com o trabalho onde as horas de
laboração são
de longe as mais cumpridas, as mais mal pagas e do mais enfadonho
que há
por
aí. Estou também a referir-me às donas de casa que fazem o trabalho
de casa

e tomam conta das crianças, enquanto o marido está a trabalhar.
Abolindo o
trabalho assalariado e realizando o desemprego total, podemos
destruir a
divisão sexual da lida doméstica. Como sabemos, a família nuclear é
uma
adaptação inevitável imposta pelo regime do salariado para a divisão
do
trabalho. Quer tu gostes ou não, tal como as coisas se têm passado

durante
o
último século, ou dois, é economicamente razoável para o homem
levar para
casa o toucinho e para a mulher fazer o trabalho sujo oferecendo ao
homem
um
céu num mundo desprovido de coração. Ao mesmo tempo, as
crianças são
arrebanhadas para campos de concentração de jovens chamados
"escolas".
Primeiramente, para as manter afastadas das saias das mães, mas,
no fim de
contas, para adquirirem o hábito da obediência e da pontualidade
que tanto
jeito fazem a um trabalhador. Porém, se estás com a pretensão de te
desembaraçares do patriarcado, procura desembaraçar-te da família
nuclear,
cujo trabalho de sapa sem direito a salário, na opinião de Ivan Illich,
viabiliza o sistema do trabalho que o torna necessário. O que
acompanha
esta
estratégia anti-nuclear é a abolição da infância e o encerramento das
escolas. Neste país existem mais estudantes do que trabalhadores a
tempo
inteiro. Precisamos das crianças como professores e não como
estudantes. As

crianças têm muito a contribuir para a revolução lúdica porque
sabem
brincar
melhor que os adultos. Os adultos e as crianças não são idênticos,
mas pela

interdependência acabarão por tornar-se iguais. Só a brincadeira
pode
lançar
a ponte sobre o abismo que separa as gerações.

Ainda não mencionei sequer a possibilidade de reduzir
drasticamente o pouco

trabalho que resta através da automatização e da cibernética. Todos
os
cientistas, engenheiros e técnicos, uma vez dispensados de se
preocuparem
com a investigação bélica e a necessidade de os seus produtos se
tornarem
obsoletos, deverão divertir-se a descobrir meios de eliminar a fadiga,
o

tédio e o perigo de actividades, tais como o trabalho mineiro. Sem dúvida, encontrarão outros projectos para se divertirem. Talvez venham a construir sistemas de comunicação multimédia à escala global e acessíveis a toda a gente, ou a fundar colónias no espaço. Talvez. Eu próprio não sou entusiasta das coisas inúteis. Eu não gostaria de viver num paraíso de carregar no botão. Não quero que escravos robotizados façam tudo; também eu quero fazer

coisas. Na minha opinião, há um lugar para a tecnologia que economiza o trabalho, mas esse lugar é de pequenas dimensões. Os registos históricos e pré-históricos não são propriamente animadores. Quando a tecnologia de produção passou da caça e recolha para a agricultura, e daí para a indústria, o trabalho aumentou, ao passo que as habilidades e autodeterminação decresceram. O desenvolvimento ulterior da industrialização tem acentuado o que Harry Braveman chamou a degradação do trabalho. Os observadores inteligentes sempre se deram conta disso. John Stuart Mill escreveu que todas as invenções alguma vez delineadas para reduzirem a mão de obra nunca pouparam um momento de trabalho que fosse. Karl Marx escreveu que «seria possível escrever um historial das invenções feitas desde 1830 com o único propósito de fornecer o capital com armas contra as revoltas da

classe operária». Os entusiastas da tecnofilia, tais como Saint-Simon, Comte, Lénine, B.F. Skinner também foram autoritários a toda a prova, ou seja, tecnocratas. Deveríamos ser mais do que cépticos no que diz respeito às promessas dos místicos computacionais. Eles trabalham como cães e algo me diz que, se for por eles, o mesmo acontecerá a nós outros. Mas caso eles tenham quaisquer contribuições particulares mais prontamente subordinadas às necessidades humanas que à corrida à alta tecnologia, porque não

dar-lhes
ouvidos?

O que eu gostaria realmente de ver acontecer é a transformação do trabalho em jogo. Um primeiro passo será descartarmos as noções de "emprego" e "ocupação". Mesmo as actividades que já tenham algum teor lúdico perdem a maior parte deste ao serem reduzidos a empregos que certas pessoas, e apenas essas pessoas, são obrigadas a executar sem poderem fazer mais nada na vida. Não será esquisito que os operários agrícolas se esfarrapem a trabalhar nos

campos, ao passo que os seus amos com ar condicionado vão para casa todos os fins de semana dedicarem-se à bricolage nos jardins respectivos? Num sistema de festa permanente veremos a idade áurea do diletante que fará o Renascimento empalidecer com vergonha. Não haverá mais empregos, apenas coisas para fazer e pessoas para as fazer.

Como Charles Fourier demonstrou, o segredo da transformação do trabalho em brincadeira consiste em fazer com que nas actividades úteis se aproveite tudo o que várias pessoas em alturas várias realmente gostam de fazer. Para

possibilitar que algumas pessoas possam fazer as coisas de que gostem será suficiente erradicar as irracionalidades e distorções que conspurcam essas actividades quando elas são reduzidas a trabalho. Eu, por exemplo, gostaria

de ensinar um bocado (não em demasia), mas não quero estudantes compulsivos, nem gosto de lambar as botas a pedantes patéticos para assegurar um ganha pão.

A seguir há um par de coisas que as pessoas gostam de fazer de vez

em
quando, mas não por demasiado tempo, e certamente não todo o
tempo. Você
pode ter gosto em tomar conta de crianças por umas horas para
estar na
companhia delas, mas não tanto como os pais das mesmas. Ao
mesmo tempo os
pais apreciam profundamente o tempo para eles próprios que você
lhes
proporciona, embora ficassem inquietos se fossem separados da sua
prole por

demasiado tempo. São estas diferenças entre os indivíduos que
tomam
possível
uma vida de jogo livre. O mesmo princípio aplica-se a muitas outras
áreas
de
actividade, com relevo para as mais fundamentais. Assim, muitas
pessoas
gostam de cozinhar quando se dedicam seriamente a essa actividade
nos seus
tempos livres, mas não acontece o mesmo quando o fazem apenas
para
reabastecer corpos humanos para o trabalho.

Terceiro, e enquanto as outras coisas se mantenham inalteradas,
algumas
actividades que são insatisfatórias se forem exercidas por você
mesmo, ou
num ambiente desagradável, ou às ordens de um dono, tomam-se
aprazíveis, ao

menos por algum tempo, se essas circunstâncias forem alteradas. O
mesmo irá

provavelmente aplicar-se, até certo ponto, a todo o tipo de trabalho.
Há
quem multiplique a sua ingenuidade, geralmente desperdiçada, para
transformar, o melhor possível, os trabalhos de estafa menos
convidativos
num jogo.

As actividades que atraem alguns, nem sempre atraem os outros,
mas qualquer

pessoa tem, no mínimo em potência, uma variedade de interesses e
um
interesse na variedade. «Tudo ao mesmo tempo agora», como quem
diz. Fourier

foi quem levou mais longe a especulação sobre as possibilidades de tirar

proveito de expedientes aberrantes e perversos na sociedade pós-civilizada.

A isso chamou Harmonia. Segundo ele, o imperador Nero teria acabado por ser

uma boa pessoa se, em criança, tivesse saciado o seu gosto pela carnificina

trabalhando num matadouro. Crianças pequenas em que fosse notório o gosto

em

chafurdarem na porcaria poderiam ser agregadas em "pequenas hordas" para

limpar as casas de banho e despejar o lixo, sendo os mais destacados agraciados com medalhas. Não defendo precisamente estes exemplos, mas sim o

princípio em que se fundamentam, o qual me parece fazer muito sentido, como

uma das dimensões de uma transformação revolucionária global. Não nos

esqueçamos do pormenor que não é necessário pegarmos no trabalho tal como

ele é hoje e dotarmo-lo com as pessoas certas, algumas das quais teriam de

ser, sem dúvida, pervertidas. Se a tecnologia é para aqui chamada é menos

para automatizar o trabalho até à sua inexistência, do que para abrir novos

espaços para a (re)criação. Até certo ponto, poderemos querer voltar ao

artesanato, o que William Morris considerou ser um resultado provável e

desejável de uma revolução comunista. Assim, a arte seria recuperada das

mãos dos snobs e coleccionadores, seria abolida enquanto departamento

especializado ao serviço de um público de elite e as suas qualidades de

beleza e criatividade seriam devolvidos à vida plena da qual foram subtraídos pelo trabalho. É elucidativo lembrarmo-nos do facto que os vasos

gregos aos quais escrevemos odes e que exibimos em vitrinas de museu foram

usados, no seu tempo, para guardar o azeite. Duvido que os nossos artefactos do dia a dia tenham um futuro assim tão glorioso, se é que têm algum. O que

se passa é que não há nada a que se possa chamar progresso no mundo do trabalho; se houver alguma coisa, será precisamente o contrário. Não devemos fazer- nos rogados para surripiarmos ao passado aquilo que ele tem para nos

oferecer, visto que os antigos não perdem nada e nós saímos enriquecidos.

A reinvenção da vida quotidiana pressupõe o transpormos os limiares dos nossos mapas. Em boa verdade, existem mais obras especulativas sugestivas do que a maioria das pessoas supõe. Para além de Fourier e Morris -e até umas amostras, aqui e ali, em Marx -, há ainda os escritos de Kropotkine, os sindicalistas Pelloutier e Pouget, anarco- -comunistas antigos (Berkman) e contem-- porâneos (Bookchin). A Communitas dos irmãos Goodman é o exemplo acabado para ilustrar as formas que derivam de dadas funções (fins), e também há qualquer coisa para aprender com os arautos tantas vezes nebulosos da tecnologia alternativa - apropriada intermédia-convivencial, tais como Schumacher e especialmente Illich, uma vez que o leitor consiga desactivar os seus canhões de nevoeiro. Os situacionistas, tais como se encontram representados na Revolução da Vida Quotidiana de Vaneigem e na Antologia da

Internacional Situacionista, são impiedosamente lúcidos, ao ponto de se tornarem hilariantes, mesmo que nunca tenham equacionado devidamente a continuidade do mando dos conselhos de trabalhadores no contexto da abolição

do trabalho. No entanto, mais vale a incongruência destes do que qualquer
versão existente do esquerdismo, cujos devotos se esforçam por
serem os
últimos heróis do trabalho, visto que, se não existisse o trabalho
também
não haveria trabalhadores e, sem trabalhadores, quem restava para
a
esquerda
organizar?

Assim, os abolicionistas ficariam em grande medida por sua conta.
Ninguém
pode vaticinar o que iria resultar se fossem dadas largas ao potencial
criativo bestificado pelo trabalho. Tudo pode acontecer. O problema
da
liberdade versus necessidade, objecto de debates infindáveis, com o
seu
pano
de fundo teológico, resolve-se na prática, uma vez que a produção de
valores
utilitários tenha nas nossas vidas um espaço correspondente ao da
consumação
de uma actividade jocosa repleta de deleite.

A vida tornar-se-á um jogo, ou antes, muitos jogos, mas não o que é
hoje -
um jogo de monopólio. Um encontro sexual que corra pelo melhor é
o
paradigma
do jogo produtivo. Os seus participantes potenciam mutuamente os
prazeres,
ninguém soma pontos e todos ficam a ganhar. Quanto mais deres
mais recebes.

Na vida lúdica, o que o sexo tem de melhor irá transvasar para a
maior
parte
da vida quotidiana. A generalização da brincadeira conduz aos
prazeres
sensuais da vida. O sexo, em contrapartida, pode tornar-se menos
obsessivo
e
desesperado, mas mais jocoso. Fazendo as cartadas certas, todos nós
podemos

receber mais da vida do que nela investimos, mas só se jogarmos à
defesa.

Nunca ninguém deveria trabalhar. Trabalhadores de todo o mundo

...descansem!

(1) Oblomovismo: comportamento de Oblomov, herói patético da novela de Goncharov. Autor que prefere contemplar e discutir o Universo, incluindo o seu próprio atributo, em vez de tomar parte activa na resolução dos seus próprios problemas e participar na vida. Stakhanovismo: uma ideologia na ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que tem por objectivo encorajar o trabalho duro e o mais rentável possível, seguindo assim o exemplo de Stakhanov, um mineiro dos anos 30 e 40, cujo padrão de produtividade ganhou fama.

original: The Abolition of Work

Autor: Bob Black

Tradução: Abdoulie Sam Boyd e Lumir Nahodil

Editado em Lisboa em 1998 por Crise Luxuosa

Publicado originalmente nos E. U. A. em 1985.

A versão original inglesa (e outros ensaios do autor) está acessível em "The Disenchanted Workers Union" (<http://www.cat.org.au/dwu/>), com a seguinte referência:

Bob Black's 1985 essay, "The Abolition of Work" appeared in his anthology of essays, "The Abolition of Work and Other Essays", published by Loompanics Unlimited, Port Townsend WA 98368 [ISBN 0-915179-41-5]. The following disclaimer is reproduced from the verso of the title page: "Not Copyrighted. Any of the material in this book may be freely reproduced, translated or adapted, even without mentioning the source."

